



VI ENLIJE
Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

A ARGUMENTAÇÃO ORAL COMO PROCESSO MEDIADOR NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Rayonnara Késsia de Souza

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (ray.kessia@hotmail.com)

Alessandra Cardozo de Freitas

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (alessandracardozof@yahoo.com.br)

Resumo: O trabalho tem como objetivo refletir sobre as intervenções de pós-leitura que contribuem para o desenvolvimento da capacidade de argumentar. Adotamos como procedimento metodológico a leitura de literatura por andaime (GRAVES;GRAVES, 1995), que envolve: pré-leitura, leitura e pós-leitura. Utilizamos os poemas: “ Dona de nada” e “ Pele por pele” que estão contidos no livro “ minha ilha maravilha” Colassanti (2007). Essa atividade é relevante na mediação da aula de literatura considerando-se a natureza conotativa do texto literário, que exige do leitor leitura inferencial. Para análise dos dados, tomamos como base teórica para leitura e literatura Smith (1989); Jouve (2002); Yunes (2003); Amarilha (2006;2009;2011); Zilbermam (1989). Argumentação, Evangelina (2004); Leal (2006); Lemgruber; Oliveira (2011); Perelman (2005); Freitas (2005). Mediação, Vigotsky (2000); Frerire (1996). Tomando como fundamentos os estudos desses teóricos, percebemos nas análises das sessões que a mediação do professor na leitura de poemas foi primordial, principalmente por meio de um planejamento que se consolidou em perguntas adequadas, que favoreceram o surgimento de argumentos pelos aprendizes.

Palavras – chave: Literatura. Argumentação. Ensino.

INTRODUÇÃO

O trabalho intitulado “A argumentação oral como processo mediador na formação do leitor e do professor” é resultado dos estudos desenvolvidos no campo da literatura, articulando-se com a mediação pedagógica, pelo processo de andaimagem, com foco na pós-leitura.

Destacamos a relevância do estímulo da argumentação oral sobre textos literários na formação do leitor. Percebemos que a argumentação faz parte de uma construção social que determina implicações no crescimento do indivíduo, proporcionando-lhe autonomia, conforme apresentada por Leal e Moraes (2006). Com a prática da argumentação, cada interlocutor desenvolve a capacidade de expressar suas opiniões, pensamentos e reflexões acerca de determinado assunto, e isso o torna autônomo e capaz de intervir de forma crítica no contexto no qual está inserido. Acreditamos que através da discussão oral do texto literário os aprendizes podem vir a desenvolver competências sócio comunicativa (argumentação) e leitora, já que o texto literário oferece múltiplas visões de mundo, o que oportuniza o debate

(83) 3322.3222

contato@enlije.com.br

www.enlije.com.br



de ideias. Mediante a justificativa, delineamos como objetivo geral deste artigo : investigar os processos de mediação docente durante discussões do texto literário que contribuem para o desenvolvimento de competências argumentativas em aprendizes do ensino fundamental.

Definimos como objetivos específicos:

- Refletir sobre as intervenções pedagógicas que contribuem para o desenvolvimento da competência argumentativa durante a mediação de discussões de poemas;
- Descrever os argumentos desenvolvidos pelos aprendizes durante discussões de poemas em processo de mediação desenvolvido pela professora.

A argumentação deve ser vista como uma construção social que determina implicações no crescimento do indivíduo proporcionando-lhe autonomia, pois através do ato de argumentar cada ser consegue expressar suas opiniões, pensamentos e reflexões acerca de determinado assunto e isso o torna autônomo e capaz de intervir de forma crítica no contexto no qual está inserido. Desse modo, as habilidades argumentativas devem ser trabalhadas desde cedo, através de uma mediação feita pelo professor a partir da leitura de literatura.

A leitura é antes de mais nada um ato concreto , observável que recorre a faculdades definidas do ser humano. Com efeito, nenhuma leitura é possível sem um funcionamento do parêntese visual e de diferentes funções do cérebro. (JOUVE, 2002, p. 17).

Fazer da leitura uma atividade recorrente em sala de aula contribui para o desenvolvimento do aluno, por se tratar de uma atividade complexa que exige não apenas decifrar códigos, mas também, uma ativação de mecanismos como inferências e reflexões.

METODOLOGIA

Adotamos como metodologia a aula de leitura por “andaimagem”. Esse termo deriva do estudo feito por Bruner (1995), que culminou na teoria da leitura por andaimes. A partir dessa fundamentação, Graves e Graves desenharam um modelo de aula de leitura por andaimes. A aula se apresenta em três momentos: pré-leitura, leitura e pós-leitura. Para melhor compreensão:

- Pré- leitura: Destinada a explorar as hipóteses, os conhecimentos prévios do leitor-ouvinte quanto à leitura a ser feita. Vygostky (1994) ressalta que é importante recorrermos às



atividades que ativem os conhecimentos prévios, pois existe uma esfera entre o real e o proximal, e isso ressignifica o aprendizado.

- Leitura: Momento de realização da leitura utilizando estratégias como a prosódia do texto que compreende a entonação da voz, atribuição de voz específica para cada personagem. Isso possibilita um maior envolvimento do leitor- ouvinte na hora da leitura.
- Pós- leitura: Discussão do texto lido. Significativo se mediado por perguntas bem elaboradas.

Aqui, enfatizamos o momento de pós-leitura como embasamento para nossas reflexões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para as análises que se seguem, tomamos como referência os seguintes elementos: 1) as perguntas lançadas ao leitor-ouvinte no momento de pós-leitura, em que buscamos observar se a mediação estimulou a fala e a argumentação dos sujeitos; 2) as respostas dos aprendizes, observando se houve ou não argumentação.

Consideramos, para as análises, essas proposições, baseadas na sequência argumentativa apresentada por Garcia (1996, p. 374), que compõe os seguintes elementos: tese, argumentos, conclusão.

Episódio de discussão de poemas nº 1

- (1) PP: Que ideias vocês tem de dona de nada, após lermos esse poema?
- (2) ARIEL: Que não é dona de nada!
- (3) JOÃO: Professora, eu acho que ela nem é dona dela mesmo.
- (4) PP: Por que João?
- (5) JOÃO: Não sei.
- (6) PP: Alguém pode explicar esse pensamento do João?
- (7) DENIS: Ele disse que ela não é dona dela mesmo, então ela não tem comando.
- (8) PP: O que significa não ter comando?
- (9) DENIS: Ela não se domina. É uma pessoa que viaja de canto em canto.
- (10) JOÃO: Se ela fosse dona dela mesmo, ela não seria assim, sem nada. É igual a minha mãe, quando ela é dona dela mesmo, ela fica bonita se arruma, tem vestido blusa.
- (11) DENIS: “Sem ser dona de nada de tudo me apropriado descobrindo no outro o meu feito”. Uma pessoa que não é dona de nada é uma pessoa que se leva por outra



pessoa.

(12) PP: Que relação a gente pode fazer com as imagens que a própria autora usa para ilustrar o poema?

(13) DENIS: “No mar, o peixe, o pássaro no ar”, Ela tá colocando cada coisa no seu lugar.

Ao analisar o episódio nº 1, de discussão do poema, percebemos que a mediadora ao iniciar o momento de pós-leitura, faz uma pergunta do tipo aberta com a finalidade de despertar no leitor/ouvinte suas impressões sobre o texto lido.

Para Mackay (2001), as perguntas abertas possibilitam que haja maior expressão e liberdade de pensamento no momento das respostas. Nesse caso, a pergunta: “Que ideias vocês tem de dona de nada após lermos esse poema?” caracteriza-se por uma pergunta aberta porque deixa o aluno livre para responder, mediado pelas vivências e experiências do texto lido e de sua própria história de vida. Essa pergunta possibilitou o levantamento de uma tese e argumentos.

A pergunta norteadora da discussão permitiu a apresentação de uma tese que foi levantada sob forma de repetição da ideia por Ariel “Que não é dona de nada!” e reconstruída, posteriormente, por João, a de que a personagem não é dona dela mesma, o que se percebe quando, na fala, João afirma: “Professora, eu acho que ela nem é dona dela mesmo”. A mediadora toma o posicionamento de fazer uma pergunta que gerasse a progressão argumentativa com a apresentação de uma justificativa à tese. A provocação foi a seguinte: “Por que João?” Essa pergunta provoca um ato explicativo, espera-se que com ela, o aluno elabore uma justificativa lógica para o porquê de sua ideia. Embora João não tenha conseguido, de imediato, justificar seu ponto de vista, argumentos foram surgindo de outros aprendizes, quando provocados pela pergunta da mediadora: “Alguém sabe explicar esse pensamento do João?” É importante ressaltar a participação ativa da mediadora, a cada resposta, o que mantém a intervenção com outras perguntas, que suscitam e ampliam a discussão.

Seguindo o episódio, Denis justifica a tese do João em sua fala: “Ele disse que ela não é dona dela mesmo, então ela não tem comando”; nesse caso, o sujeito usou um argumento quase-lógico. Conforme entendimento de Lemgruber e Oliveira (2011, 57), “os argumentos quase-lógicos são aqueles que se assemelham às inferências da lógica formal”, para Denis, se ela não é dona dela mesmo, logo não tem comando de si, de suas vontades e desejos.

Na continuação da discussão, João apresenta um argumento por explicação, usa elementos de seu cotidiano para justificar sua tese central: “Se ela fosse dona dela mesmo, ela não seria assim, sem nada. É igual a minha mãe, quando ela é dona dela mesmo, ela fica bonita se arruma, tem



vestido e blusa”, João utiliza sua mãe como parâmetro de comparação, ele usa o real para justificar a compreensão e a tese que defende sobre uma situação ficcional; a partir de algo que já é de seu conhecimento faz relações com o texto lido. Esse é um dos grandes benefícios do texto literário, permite que o leitor caminhe pelo vies da ficção e da realidade ao mesmo tempo.

No mesmo episódio, com o objetivo de responder a outra pergunta lançada pela mediadora, Denis recorre a um argumento de autoridade, quando traz aspectos do próprio texto para discorrer sobre a influência externa que uma pessoa que não é dona de nada pode vir a sofrer. O aluno lê o verso “Sem ser dona de nada/de tudo me apropriando/descobrimo no outro/o meu feitio” e explica: uma pessoa que não é dona de nada é uma pessoa que se leva por outra pessoa; de fato, essa é uma possibilidade plausível de entendimento do texto, pois o verso sugere que o outro modela o eu lírico do poema.

Episódio de discussão de poemas nº 2

- (1) PP: O que vocês entenderam desse poema?
- (2) RAQUEL: A pele da serpente tava caindo, ai ela tava oferecendo. Ai ela queria a mais fofa, mais quente e peluda. Mas eu não entendi, cobra tem pelos?
- (3) PP: Cobra não tem pelo. O pelo que a autora tá falando aqui é de quê?
- (4) ARIEL: Da pele. A pele cresce demais depois solta e cresce outra.
- (5) MATHEUS: Realmente tipo assim, eu concordo com Ariel, eu acho que cada mês a cobra muda de pele, por que é tipo a gente, toda vez que a gente fica mais velho, a gente numa vai mudando? É como a cobra, cada dia que ela muda, fica mais velha e renova.
- (6) PP: De fato Ariel e Matheus estão com razão. As cobras trocam de pele. Mas, tem uma informação que eu preciso dar, quanto mais nova a cobra, mais vezes por ano ela troca de pele. Com mais idade a troca de pele diminui.
- (7) PP: Por que a cobra muda de pele?
- (8) JOÃO: Foi tipo eu professora. Um dia estava jogando bola no sol quente de pés descalço e criou uns coros que depois descascou. A cobra muda de pele porque o coró dela rasteja e se solta.
- (9) PP: O poema fala da marta, vocês conhecem uma marta?
- (10) FMT: Não!
- (11) PP: Trouxe a foto de uma marta para mostrar. (Passa para a turma a



foto). Agora que vocês conhecem a marta, que outras ideias vocês fazem do poema?

(12) DENIS: Que a cobra tem inveja da marta.

(13) PP: Por quê?

(14) ISAC: Por que quando a cobra troca de pele, ela fica com frio e quer o pelo da marta porque ela é fofinha.

A mediadora da sessão de leitura escolhe iniciar o momento de pós-leitura com uma pergunta aberta. Isso evidencia que em sua prática pedagógica tem apreço pela fala do aluno, um respeito em ouvir os sujeitos e suas reflexões no tocante ao texto lido. Para Mackay (2001), um bom resultado que se pode ter com uma pergunta bem elaborada, é que essas motivam de forma mais ativa o pensamento, corroborando para que os sujeitos encontrem ideias que outrora nem imaginavam existir dentro de si.

Com a pergunta: “O que vocês entenderam desse poema?”, rompe-se com aquelas perguntas que tradicionalmente permeiam o término de uma leitura em sala de aula, tais como: qual o título do texto? Quem são os personagens? Evidenciamos, contudo, que esse tipo de pergunta também é importante, mas apenas por seu teor informativo. O texto literário é plurissignificativo, sendo assim, existem mais elementos a serem explorados nas discussões. Nesse aspecto, quando a mediadora pergunta as impressões dos alunos em relação ao poema lido, ela abre um leque de possibilidades de respostas, trabalhando a reflexão, a oralidade, e assim, abrindo a possibilidade para a construção de teses.

O trabalho com a oralidade na escola é muito importante. A comunicação oral é iniciada desde o nascimento da criança, por meio do choro, ou pela emissão de outros tipos de barulho. Para que a linguagem oral seja formada são primordiais os significados atribuídos nos processos de comunicar-se com o outro. (RCNEI, 1998). A fala possibilita, antes de qualquer coisa, a solução de problemas. Vygostky (1988) acrescenta que a fala é uma atividade essencial no desenvolvimento cognitivo da criança, dentre as atividades, o diálogo tem papel relevante, pois é um dos meios com o qual a criança interage com o outro. Dessa forma, a discussão de poemas, na sala de aula, agrega também esse aspecto ao ensino de literatura.

A resposta de Raquel, no episódio acima, evidencia isso:



- A pele da serpente tava caindo, aí ela tava oferecendo. Aí ela queria a mais fofa, mais quente e peluda. Mas eu não entendi, cobra tem pelos?

Percebemos na fala da Raquel, um resumo do poema trazendo o foco principal da narrativa que consiste na troca de pele entre a serpente e a marta. Ao mesmo tempo em que ela expõe a solução para pergunta feita, também encontra uma problemática: eu não entendi, cobra tem pelos?

O procedimento de Raquel evidencia a necessidade de dialogar com o outro para esclarecer aspectos do poema que não ficou claro. Esse enunciado **eu não entendi** se atrela à sua vivência de mundo, a ideia que ela faz de uma cobra, e nessa imagem, a cobra não tem pelos. Na fala não há progressão argumentativa, mas a situação demonstra engajamento à discussão e a importância de estar compartilhando o momento de pós-leitura com os pares e a mediadora, pois a pergunta “eu não entendi, cobra tem pelos?” certamente, manterá a discussão em andamento, e poderá levar posteriormente à atividade argumentativa.

No momento de mediação, não basta apenas ouvir as respostas dos alunos, mas, sobretudo ter “fôlego” para condução de novas perguntas que continuem provocando a discussão do texto. Nessa sessão, a mediadora mostrou por várias vezes ter esse domínio. Ao ouvir de Raquel a pergunta sobre se cobra tinha pelos, ela esclarece: cobra não tem pelo. E em seguida, aproveita a oportunidade para aguçar mais a curiosidade dos sujeitos com a provocação: “O pelo que a autora tá falando aqui é de quê?”.

Quando essa pergunta é lançada, Ariel traz a resposta e, em seguida, apresenta uma tese que posteriormente será defendida pelo seu colega Matheus.

ARIEL: Da pele. A pele cresce demais depois solta e cresce outra.

MATHEUS: Realmente tipo assim, eu concordo com Ariel, eu acho que cada mês a cobra muda de pele, por que é tipo a gente, toda vez que a gente fica mais velho, a gente num vai mudando? É como a cobra, cada dia que ela muda, fica mais velha e renova. (transcrição pela autora).



Na fala de Matheus, notamos que ele está envolvido em uma ação argumentativa e demonstra sua concordância com o ponto de vista do colega. Além de concordar, ele tenta explicar a tese de Ariel dizendo que a cada mês, a cobra muda de pele. Depois, ele faz a discussão progredir apresentando um argumento de comparação. Matheus faz uma comparação entre algo que ele sabe e faz parte da vida: as mudanças que ocorrem ao longo da existência dos seres humanos com a troca de pele da serpente. O argumento por comparação tem uma finalidade objetiva, consiste em tornar as coisas mais claras. “Quando se faz uma comparação, não se toma o objeto em si, expondo suas características ou suas funções, mas se escolhe outro objeto mais conhecido e se fazem aproximações entre eles”. (FIORIN, 2015, p. 122).

A mediadora, na sequência, aproveita a discussão e gera outra pergunta: “Por que a cobra muda de pele?”. João responde a essa pergunta trazendo um argumento por exemplificação:

Foi tipo eu professora. Um dia estava jogando bola no sol quente de pés descalço e criou uns coros que depois descascou. A cobra muda de pele porque o coro dela rasteja e se solta.

Destacamos o final da sua fala “a cobra muda de pele porque o coro dela rasteja e se solta”, pois percebemos que João relembra um acontecimento de sua experiência de vida e coloca como respaldo para sua afirmação. Nesse caso, ele usa o argumento de testemunho, assim como o coro de sua pele caiu ao ser exposta ao sol, acontece o mesmo com a serpente.

Algo importante de se destacar no processo de mediação de leitura é o aspecto formativo para ler literatura, seja de repertório lexical ou conceitual. Verificamos que a mediadora pergunta aos sujeitos se eles conhecem uma marta. A resposta foi o desconhecimento geral por parte da turma. Como havia previsto essa possibilidade, a mediadora mostrou a imagem do animal. Então, há uma pausa na discussão para a formação de conceito do que seria uma marta.

A literatura exige esse trabalho de inter-relação entre o plano referencial da língua e as possíveis conotações. Para que os sujeitos fossem capazes de dialogar com o texto, o plano referencial deveria estar esclarecido. Sem cumprir essa etapa, a discussão não ocorreria, e então, as possibilidades de desenvolvimento da argumentação também não aconteceriam.

No encerramento da sessão de leitura, encontramos ainda mais um exemplo em que outro



tipo de argumento aparece; dessa vez, um argumento utilizando o raciocínio da dedução. “A dedução é o tipo de raciocínio em que se vai do geral ao particular” (FIORIN, 2015, p. 48). Observemos a fala de Isac ao ratificar a afirmação de que a cobra tinha inveja da Marta:

Por que quando a cobra troca de pele, ela fica com frio e quer o pelo da marta porque ela é fofinha.

Anteriormente, os sujeitos não faziam ideia do que fosse uma Marta. Com a foto que foi mostrada na hora da pós-leitura, que incluiu a formação do conceito de Marta, foi possível o processo de significação do poema lido. E Isac, agora que já possuía em sua mente a imagem desse animal, dedutivamente pensou: se a cobra perde a pele, ela fica com frio; mas, se ela tiver a pela da Marta, que é fofinha, não sentirá frio. Nessa lógica, é esperado que a cobra inveje a pela da Marta.

O ensino por meio do texto literário é muito significativo por possibilitar essas discussões ativando a zona de desenvolvimento proximal Vigostky (1994). Ou seja, ativando aquilo que ele já sabe, e agregando novos conhecimentos na medida em que a mediação o auxilia nesse percurso.

Nos episódios que analisamos, ficou evidente que a postura da mediadora fazendo perguntas abertas, consistentes, promoveu significativos momentos de desenvolvimento da argumentação pela oralidade. Além de abrir um espaço para o diálogo aprimorando a habilidade oral dos sujeitos, a atividade colaborou para a apropriação significativa dos poemas lidos, fazendo com que os sujeitos se posicionassem diante do texto lido porque o entenderam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que tentamos aqui foi desvelar um pouco da interface entre a leitura de literatura e a argumentação oral na sala de aula. Consideramos que a mediação é o ponto de partida de todo o processo do ensino aprendido.

Tomando em consideração essa mediação, percebemos com nosso estudo, e com as sessões de discussões de poemas, aqui, analisadas, que as interações pedagógicas que ocorreram, devem muito às perguntas elaboradas pelo mediador de forma direta e significativa para o desenvolvimento da argumentação oral.

Evidenciamos que todo professor ciente de seu papel, que busca a formação de um



educando, para que este se torne um leitor proficiente pode tentar conduzi-lo na tentativa de um conhecimento significativo, para que tenha condições de expressar, colocar suas ideias e posteriormente persuadir ao longo de sua comunicação, em seu discurso argumentativo

Quanto ao ato de argumentar, acreditamos que todos os seres humanos precisam desenvolver essa capacidade, visto que, por meio da argumentação ele se situa no mundo. Somos seres de linguagem e fazemos uso dela diariamente, sempre tentamos de alguma forma convencer alguém de algo que achamos mais interessante aos nossos olhos, seja em relação a uma peça de roupa, comida, opção de lugares, livros. Continuamente, estamos escolhendo algo e desejamos também persuadir às pessoas aquilo que acreditamos ser o melhor.

Sendo assim, o trabalho com a oralidade precisa ser mais evidenciado em sala de aula. É essencial o bom planejamento de situações didáticas que favoreçam os debates e as exposições de ideias. A presença no mundo nos convida a argumentar, a nos posicionarmos, mas essa prática precisa ser estimulada por meio de uma mediação que se preocupe com o aluno como sujeito de direito, que tem voz ativa e participativa no cenário social.

Percebemos, pela análise das sessões de leitura, que os aprendizes apresentam suas impressões em relação aos poemas lidos, mostram que têm o desejo de participar da discussão, de se posicionarem diante do que leem. Alguns com argumentos simples, outros mais elaborados. O imprescindível nesse jogo de perguntas e respostas é não perder de vista a importância da interação no processo de formação do aluno, já que, a discussão de textos, de um poema é uma mão de duas vias, tanto possibilita o aluno a falar, quanto ao professor. Nesse processo, o mais beneficiado é o aluno que desenvolve assim sua capacidade de se posicionar diante do que lê e do mundo.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas**: a leitura crítica na sala de aula. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

AMARILHA, Marly. FREITAS, Alessandra C. de. Os caminhos da poesia na escola: som, imagem, pensamento. In: **Educação e Linguagem**: desafios e criatividade. São Paulo: Campinas, Mercado de Letras, 2015 (prelo).

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Subjetividade, argumentação, polifonia**: A propaganda da Petrobrás. São



Paulo: UNESP, 1998.

EVANGELINA, M. B. F. **Argumentação infantil**. Campina Grande: Bagagem, 2004.

FONTANA, Roseli Ap. Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 3. ed. Campinas, Sp: Autores associados, 2000. - (Coleção contemporânea).

FREITAS, A. C. de. **Literatura e educação: ação argumentativa em discussões de histórias**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, UFRN. Natal. 2005.

GRAVES, M. F.; GRAVES, B.B. **The scaffolding reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of text**. In: **Reading**. April. 1995.

JAUSS, Hans Robert. **O prazer estético e as experiências fundamentais da Poiesis, Aisthesis e Katharsis**. In: JAUSS, Hans Robert (et al.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. 2. ed. Tradução Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEAL, Telma; MORAIS, Arthur Gomes. **A argumentação em textos escritos: a criança e a escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEMGRUBER, M.S. e OLIVEIRA, R. J. **Teoria da Argumentação e Educação**. Editora UFJF, 2011.

MACKAY, Ian. **Aprendendo a perguntar**. Tradução de Márcia Cruz Nóboa Leme. São Paulo: Nobel, 2001.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 2. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PONTECORVO, Clotilde; AJELLO, Ana Maria; ZUCHEMAGLIO, Cristina **Discutindo se aprende: interação social, conhecimento e escola**. Tradução de Cláudia Bressan e Susana Termignoni. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SOARES, Magda. **A escolarização da literatura infantil e juvenil**. In: EVANGELISTA, Araci Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani. **Escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luiz Silveira M. B. e Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1988.

ZILBERMAM, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.